

J.D.
ROBB

[PSEUDÓNIMO DE NORA ROBERTS]

NUDEZ
MORTAL



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

Acordou às escuras. Pelas frinchas dos estores via-se o primeiro vislumbre da aurora turva, que projectava barras de sombra na cama. Era como acordar numa cela.

Por momentos deixou-se ficar, a tremer, prisioneira, enquanto o sonho se desvanecia. Ao fim de dez anos no activo, Eve ainda sonhava.

Seis horas antes, matara um homem, vira a morte subir-lhe aos olhos. Não fora a primeira vez que usara força bruta, nem que sonhara. Aprendera a aceitar o acto e as suas consequências.

Porém, era a criança que a assombrava. A criança que não fora a tempo de salvar. A criança cujos gritos tinham ecoado nos sonhos com os dela.

Aquele sangue todo, pensou Eve, a limpar o suor do rosto com as mãos. Uma menina tão pequena com tanto sangue. E sabia ser vital pôr aquilo de lado.

Os procedimentos típicos da divisão traduziam-se numa manhã passada em Testes. Qualquer agente que descarregasse uma arma e acabasse com a vida de alguém tinha de passar por avaliações emocionais e psiquiátricas antes de voltar ao serviço. Eve achava os testes uma seca razãoável.

E passaria os testes, como já passara antes.

Quando se levantou, as luzes do tecto baixaram automaticamente, a alumiar o caminho para o banho. Fez uma careta quando viu o seu reflexo. Tinha os olhos inchados da falta de sono, a pele quase tão pálida quanto a dos cadáveres que passava ao médico-legista.

Em vez de matutar nisso, entrou no chuveiro, a bocejar.

— Dá-me trinta graus, potência máxima — disse, e mexeu-se para que o jacto a atingisse em cheio na cara.

Deixou ganhar vapor e ensaboou-se morosamente enquanto reproduzia os acontecimentos da noite passada. Só tinha de estar nos Testes às nove, e aproveitaria as três horas seguintes para se acalmar e deixar o sonho desvanecer-se mesmo.

Detectavam-se não raro pequenas dúvidas e mágoas, que se podiam traduzir numa segunda volta mais intensa com as máquinas e os técnicos de olhos de mocho que as operavam.

Eve não fazia tenções de estar fora de serviço mais de vinte e quatro horas.

Depois de vestir um roupão, entrou na cozinha e programou o AutoChef para fazer café simples e torradas ligeiras. Pela janela ouvia-se o ruído forte do trânsito aéreo que levava as gentes aos seus escritórios, e outras a suas casas. Escolhera o apartamento anos antes por estar no meio de trânsito terrestre e aéreo, e gostava do barulho e das multidões. Mais um bocejo, e olhou pela janela, acompanhou a viagem ruidosa de um aerobus envelhecido que levava trabalhadores com a pouca sorte de não trabalharem na cidade nem em ligações domésticas.

Abriu o *New York Times* no monitor e leu as gordas, enquanto a falsa cafeína lhe dava energia. O AutoChef voltara a queimar as torradas, mas ela comeu-as na mesma, com a vaga ideia de tratar de o substituir.

Estava de sobrolho franzido a ler um artigo sobre a retirada maciça de dróides *cocker spaniels* quando tocou a teleligação. Eve passou a modo de comunicação e viu o comandante entrar no ecrã.

— Comandante.

— Tenente. — Fez um aceno de cabeça, reparou no cabelo molhado e nos olhos sonolentos dela. — Incidente na Vinte e Sete, Broadway Ocidental, piso dezoito. Você é o graduado de serviço.

Eve ergueu uma sobrancelha. — Vou a Testes. Sujeito tratado às vinte e duas e trinta e cinco.

— Temos prioridade — disse ele, sem inflexão na voz. — Pegue no distintivo e na arma a caminho do incidente. Código Cinco, Tenente.

— Sim, Comandante. — O rosto dele desapareceu quando ela se afastou do ecrã. Código Cinco queria dizer que reportaria directamente ao comandante, e que não haveria relatórios interdivisões por selar, nem colaboração com a imprensa.

Em suma, estava por sua conta.

A Broadway era barulhenta e apinhada, uma festa onde os convidados aruaceiros nunca se iam embora. O trânsito de rua, aéreo e de peões era uma miséria, entupia o ar com corpos e veículos. Nos velhos tempos da farda lembrava-se daquilo como ponto negro de desastres e turistas atropelados, basbaques a ver o espectáculo em vez de saírem do caminho.

Mesmo àquela hora havia vapor a sair das bancas de comida, que ofereciam tudo, de massa de arroz a cachorros de soja, às multidões ululantes. Teve de se desviar para não bater num comerciante ávido no seu Gilda-Grill fumegante, e levou com o dedo em riste dele em agradecimento.

Eve estacionou em segunda fila e, contornando um homem que cheirava pior do que a garrafa que tinha, foi para o passeio. Primeiro analisou o prédio, cinquenta andares de metal reluzente que cortavam o céu a partir de

uma peanha de betão. Teve de ouvir duas ofertas antes de chegar à porta.

Dado que aquela área de cinco quarteirões se chamava afectuosamente Passeio das Prostitutas, tal não a surpreendeu. Mostrou o distintivo ao guarda fardado que estava à entrada.

— Tenente Dallas.

— Sou. — Ele passou o selo informático pela porta para afastar os curiosos e abriu caminho para os elevadores. — Piso dezoito — disse quando as portas se fecharam atrás deles.

— Conte-me tudo, agente. — Eve ligou o gravador e aguardou.

— Não fui o primeiro a chegar, Tenente. O que aconteceu lá em cima não sai lá de cima. Está lá um detective à sua espera. Temos Homicídio e Código Cinco no número 1803.

— Quem participou?

— Não tenho essa informação.

O guarda ficou onde estava quando o elevador se abriu. Eve entrou e ficou sozinha no corredor estreito. Havia câmaras de segurança que se viraram para ela, e os pés dela quase não faziam barulho na alcatifa gasta ao aproximar-se do 1803. Sem ligar à placa, anunciou-se com o distintivo ao óculo da porta até esta se abrir.

— Dallas.

— Feeney. — Ela sorriu, contente por ver alguém conhecido. Ryan Feeney era um velho amigo e anterior colega, que trocara a rua por trabalho de secretária e cargo de topo na Divisão de Detecção Electrónica. — Então agora mandam cromos dos computadores.

— Queriam patentes e das melhores. — Os lábios dele curvaram-se no rosto largo e enrugado, mas os olhos continuaram sérios. Era um homem pequenino e atarracado, com mãos pequenas e sapudas e cabelo cor de ferrugem. — Estás com ar cansado.

— Noite difícil.

— Foi o que ouvi. — Ofereceu-lhe um fruto seco doce do saquinho que tinha sempre com ele, a estudá-la, e a avaliar se estaria à altura do que a esperava naquele quarto.

Era jovem para a patente que tinha, trinta e poucos, tinha olhos grandes e castanhos que nunca tinham tido hipótese de serem ingénuos. O cabelo castanho curto, por conveniência mais do que por estilo, ficava-lhe bem no rosto triangular, de maçãs altas e covinha no queixo.

Era alta e seca, com ar escanzelado, mas Feeney sabia que havia músculos debaixo do casaco de cabedal. Mais, havia cabeça e coração.

— Este vai ser delicado, Dallas.

— Já percebi. Quem é a vítima?

— Sharon DeBlass, neta do Senador DeBlass.

Aquilo não queria dizer nada para ela. — A política não é o meu forte, Feeney.

— O da Virgínia, extrema-direita, dinheiro antigo. A neta saiu da linha há uns anos, mudou-se para Nova Iorque e tornou-se acompanhante autorizada.

— Era puta. — Dallas olhou para o apartamento. Estava decorado numa modernidade obsessiva – vidro e cromados, hologramas assinados nas paredes, bar recuado de cor vermelho-vivo. O enorme ecrã de ambiente atrás do bar projectava formas e cores que se misturavam em tons pastel.

Limpa como uma virgem, pensou Eve, e fria como uma puta. — Não espanta, dada a escolha de propriedade.

— A política é que torna a coisa delicada. A vítima tinha vinte e quatro anos, branca. E aconteceu na cama.

Eve ergueu uma única sobrancelha. — Parece poético, já que era lá que tudo acontecia. Como é que foi?

— Esse é o problema seguinte. Quero que vejas por ti própria.

Atravessaram a sala e pulverizaram as mãos para selarem a gordura e as impressões digitais. À porta, Eve pulverizou a sola das botas para que não apanhassem fibras, cabelos ou pele.

Eve já se sentia cautelosa. Em circunstâncias normais haveria mais dois investigadores no local do crime, com gravadores de som e imagem. A equipa forense estaria à espera com a impaciência do costume, para limpar tudo.

O facto de só terem destacado Feeney e ela significava que não faltaria pisar ovos.

— Câmaras de segurança no átrio, no elevador e nos corredores — comentou Eve.

— Já tratei dos discos. — Feeney abriu a porta do quarto e deixou-a entrar primeiro.

Não era bonito de se ver. A morte raramente era uma experiência tranquila e religiosa na cabeça de Eve. Era o final horrível, indiferente a santos e pecadores. Mas aquela era chocante, como um cenário deliberadamente montado para ofender.

A cama era enorme, parecia ter lençóis de cetim genuíno, cor de pê-sego maduro. Havia holofotes pequenos e suaves direccionados para o meio da cama, onde estava uma mulher nua, aninhada na cova suave de um colchão de água.

O colchão mexia-se com ondulações obscenamente graciosas ao ritmo da música programada que saía do espaldar da cama.

Ainda era bonita, o rosto perfeito com uma cascata de cabelo ruivo flamejante, olhos cor de esmeralda que olhavam vítreos para o tecto de es-

pelhos, braços e pernas compridos e brancos que faziam lembrar *O Lago dos Cisnes* com o embalço suave da cama.

Agora não estavam dispostos artisticamente, mas sim lubrificamente abertos, de modo que a morta fazia um X no meio da cama.

Tinha um buraco na frente, outro no peito, e outro horrivelmente escancarado entre as coxas abertas. O sangue derramara-se nos lençóis luzidios, fizera pocinhas, pingara e manchara tudo.

Também havia borrifos nas paredes lacadas, como se fossem pinturas mortíferas feitas por uma criança maléfica.

Era raro tanto sangue, e ela vira já o bastante na noite anterior para aguentar a cena com a calma de que gostaria.

Teve de engolir em seco e obrigar-se a bloquear a imagem da criança.

— Tens isto registado?

— Tenho.

— Então desliga essa coisa. — Respirou fundo quando Feeney encontrou os comandos que desligavam a música. A cama imobilizou-se. — As feridas — murmurou Eve, aproximando-se para as examinar. — São limpas de mais para serem de faca. E rasgadas de mais para serem a laser. — Teve um vislumbre – filmes antigos da formação, maldades antigas.

— Caraças, Feeney, parecem ferimentos de bala.

Feeney meteu a mão no bolso e sacou de um saco selado. — Quem o fez deixou uma recordação. — Passou o saco a Eve. — Uma antiguidade destas tem de valer oito ou dez mil numa colecção autorizada, e duas vezes mais no mercado negro.

Fascinada, Eve virou a pistola selada na mão. — É pesada — disse de si para si. — Volumosa.

— Calibre 38 — disse ele. — A primeira que vejo fora de um museu. É uma Smith & Wesson, Modelo Dez, aço temperado. — Olhou-a com afecto. — Mesmo clássica, costumava ser a arma da polícia até à última metade do século XX. Deixaram de as fazer em 2022, 2023, aquando da proibição do uso de armas.

— Tu lá sabes de História. — O que explicava a sua presença ali. — Parece nova. — Cheirou o saco, e apanhou o odor a óleo e a queimado. — Alguém tratou bem dela. Aço disparado na carne — divagou ela, a devolver o saco a Feeney. — Que maneira de morrer, e a primeira vez que vejo isto em dez anos de serviço.

— A segunda para mim. Há coisa de quinze anos, no Lower East Side, houve uma festa que descambou. Um tipo alvejou cinco pessoas com uma calibre 22 antes de perceber que não era um brinquedo. Uma trapalhada.

— Brincadeiras — murmurou Eve. — Vamos ver os coleccionadores,

quantos haverá com peças destas. Alguém pode ter participado um furto.

— Pode ser.

— É mais provável que seja do mercado negro. — Eve olhou para o corpo. — Se ela esteve neste negócio alguns anos, deve ter discos, registos dos clientes, livros de contas. — Franziu o sobrolho. — Com um Código Cinco, terei de ser eu a ir porta a porta. Não é um simples crime sexual — disse, e soltou um suspiro. — Quem o fez montou tudo. A arma antiga, as feridas, que são quase a régua e esquadro, as luzes, a pose. Quem é que participou isto, Feeney?

— O assassino. — Esperou que os olhos dela voltassem a ele. — Daqui mesmo. Liguei para a esquadra. Vês como a mesa-de-cabeceira está virada para a cara dela? Foi o que nos chegou. Só vídeo, sem áudio.

— O gajo exhibe-se. — Eve respirou fundo. — Esperto, arrogante, presumido. Fez sexo com ela primeiro. Aposto o meu distintivo. Depois levanta-se e mata-a. — Levantou o braço, fez pontaria, e baixou-o a fazer a contagem. — Um, dois, três.

— Que frio — murmurou Feeney.

— O gajo é frio. Esticou os lençóis depois. Vês como estão lisinhos? E arranja-a, abre-lhe pernas e braços para ninguém ter dúvidas da vida que ela tinha. Fá-lo cuidadosamente, quase a tirar medidas, para ela ficar perfeitamente alinhada. No meio da cama, braços e pernas abertos. Não desliga a cama porque faz parte do espectáculo. Deixa a arma porque quer que saibamos imediatamente que não é qualquer um. Tem um grande ego. Não quer perder tempo e deixar que descubram o corpo. Quer agora. Satisfação imediata.

— Ela tinha autorização para homens e mulheres — salientou Feeney, mas Eve abanou a cabeça.

— Não foi mulher. Uma mulher não a deixava linda e obscena. Não, não foi mulher. Veremos o que conseguimos descobrir. Já foste ao computador dela?

— Não. O caso é teu, Dallas. Só tenho autorização para ajudar.

— Vê se consegues entrar nos ficheiros de clientes. — Eve foi até à cómoda e começou a revistar as gavetas.

Gostos caros, reflectiu. Havia várias peças de seda genuína, do tipo que não se podia falsificar. O frasco de perfume era exclusivo e cheirava a sexo dispendioso.

O recheio das gavetas estava meticulosamente arrumado, a roupa interior dobrada, as camisolas dispostas por cores e tecidos. O roupeiro a mesma coisa.

Era óbvio que a vítima adorava roupa, gostava do melhor e tratava muito bem do que era seu.

E morrera nua.

— Tinha bons registos — chamou Feeney. — Está tudo aqui. A lista de clientes, as marcações – incluindo o exame mensal de saúde obrigatório e a deslocação semanal ao salão de beleza. Ia à Clínica Tridente para o primeiro e ao Paraíso para o segundo.

— Ambos topo de gama. Tenho uma amiga que poupou dinheiro durante um ano para passar um dia no Paraíso. Ele há gente para tudo.

— A minha cunhada foi lá quando fez vinte e cinco anos. Custou quase tanto quanto o casamento da minha filha. Ora, ora, temos a agenda dela.

— Boa. Copia tudo, sim, Feeney? — Quando o ouviu assobiar, espreitou por cima do ombro e viu o pequeno computador pessoal dourado na mão dele. — O que foi?

— Temos aqui muitos nomes poderosos. Política, entretenimento, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Interessante, a nossa rapariga tem o número particular do Roarke.

— Roarke quem?

— Só Roarke, tanto quanto sei. Carradas de dinheiro. Toque de Mídas. Tens de ler mais do que a página desportiva, Dallas.

— Ai, eu leio as gordas. Soubeste da retirada de *cocker spaniels*?

— O Roarke é sempre notícia — disse Feeney, cheio de paciência. — Tem uma das melhores colecções de arte do mundo. Arte e antiguidades — continuou, vendo que Eve se virava para ele. — Tem licença para colecionar armas. E diz-se que sabe usá-las.

— Hei-de ir vê-lo.

— Terás sorte em chegar a um quilómetro dele.

— Sinto-me com sorte. — Eve foi até ao cadáver para meter as mãos debaixo dos lençóis.

— O homem tem amigos poderosos, Dallas. Não te podes dar ao luxo de sussurrar sequer que ele está metido nisto até teres algo concreto.

— Feeney, sabes que é um erro dizeres-me isso. — Mas mesmo quando começava a sorrir, os dedos tocaram em qualquer coisa, entre a carne fria e os lençóis ensanguentados. — Tem qualquer coisa debaixo dela. — Cuidadosamente, Eve levantou-lhe o ombro e meteu os dedos.

— Papel — murmurou. — Selado. — Com o polegar protegido, limpou uma mancha de sangue até conseguir ler o papel.

UMA DE SEIS

— Parece escrito à mão — disse para Feeney e mostrou-lho. — O nosso gajo é mais do que esperto, mais do que arrogante. E ainda não acabou.

...

Eve passou o resto do dia a fazer trabalho de sapa. Interrogou os vizinhos da vítima, recolheu depoimentos, impressões.

Conseguiu comer uma sandes à pressa da mesma banca Gilda-Grill que quase atropelara antes. Depois da noite e da manhã que tivera, não podia culpar a recepcionista do Paraíso por olhar para ela como se fosse qualquer coisa apanhada no passeio.

Havia cascatas melodiosas entre a flora da recepção no salão de beleza mais exclusivo da cidade. Chaveninhas de café genuíno e copos altos de água com gás ou champanhe, para clientes nas cadeiras confortáveis ou espreguiçadeiras. Auriculares e discos de revistas de moda, de cortesia.

A recepcionista tinha um peito magnífico, prova viva das técnicas de escultura do salão. Tinha uma roupa justa e curta no vermelho típico do salão, e uma coifa incrível de cabelo cor de ébano enrolado como serpentes.

Eve não podia ter ficado mais encantada.

— Lamento — disse a mulher, em voz cuidadosamente modulada e tão oca de expressão quanto um computador. — Só por marcação.

— Não faz mal. — Eve sorriu e quase teve pena de acabar com o desdém. Quase. — Isto deve arranjar-me marcação. — Mostrou o distintivo. — Quem é que trabalha na Sharon DeBlass?

Os olhos horrorizados da recepcionista dardejaram para a sala de espera. — As necessidades dos nossos clientes são estritamente confidenciais.

— Aposto que sim. — A divertir-se, Eve debruçou-se com ar amigável no balcão em forma de U. — Posso falar com calma e baixinho, assim, para nos entendermos – Denise? — Olhou para o crachá que a outra tinha ao peito. — Ou posso falar mais alto, para toda a gente entender. Se preferir a primeira, pode levar-me para uma salinha onde não incomodemos mais ninguém, e pode mandar-me a técnica da Sharon DeBlass. Seja lá qual for o termo.

— Consultora — disse Denise, em voz fraca. — Queira acompanhar-me.

— Com muito gosto. — E era.

Excepto filmes ou vídeos, Eve nunca vira tamanho luxo. A alcatifa era uma almofada vermelha onde os pés se enterravam. Pendiam gotas de cristal do tecto a jorrarem luz. O ar cheirava a flores e carne mimada.

Podia não conseguir ver-se ali, a passar horas enquanto a besuntavam, massajavam e esculpavam, mas se era para perder tempo com vaidades, ao menos que fosse em condições tão civilizadas.

A recepcionista levou-a para uma salinha com um holograma de uma colina estival que dominava uma parede. Ouvia-se o canto de passarinhos e a brisa no ar.

— Não se importa de aguardar um pouco?

— Não há problema. — Eve esperou que a porta se fechasse, com um suspiro indulgente, e sentou-se numa cadeira muito almofadada. Assim que se sentou, o monitor a seu lado acendeu-se, e a cara amistosa e indulgente, que só podia ser de um dróide, sorriu-lhe.

— Boa-tarde. Bem-vinda ao Paraíso. As suas necessidades de beleza e conforto são a nossa prioridade. Gostaria de tomar algum refresco enquanto aguarda pela sua consultora pessoal?

— Claro. Café simples.

— Naturalmente. De que tipo prefere? Prima C no teclado para ver a lista de opções.

Abafando um risinho, Eve seguiu as instruções. Passou aqueles dois minutos a ponderar escolhas, e depois ficou no Riviera Francesa ou no Creme das Caraíbas.

A porta abriu-se novamente antes de poder decidir. Resignada, levantou-se e encarou um espantalho muito complicado.

Por cima da camisa de cor fúchsia e das calças cor de ameixa, ele tinha uma bata aberta e comprida vermelho Paraíso. O cabelo, puxado numa cabeça penosamente magra, combinava com as calças. Estendeu a mão a Eve, apertou-a amavelmente e olhou-a com olhos doces de pomba.

— Lamento muito, senhora agente. Estou siderado.

— Quero informações sobre Sharon DeBlass. — Eve tornou a sacar do distintivo.

— Sim, ahh, Tenente Dallas. Era o que eu pensava. Deve saber, claro, que os dados dos nossos clientes são estritamente confidenciais. O Paraíso tem uma reputação de discrição e excelência a defender.

— E deve saber, claro, que posso arranjar um mandado, senhor...?

— Ah, Sebastian. Simplesmente Sebastian. — Acenou com uma mão magrinha, que cintilava com anéis. — Não questiono a autoridade, Tenente. Mas se me puder dizer as razões do inquérito?

— O inquérito é por razão do homicídio de Sharon DeBlass. — Esperou pela reacção, viu o choque nos olhos dele e nas faces pálidas. — Tirando isso, os meus dados são estritamente confidenciais.

— Homicídio, meu Deus. A nossa Sharon está morta? Deve haver algum equívoco. — Sentou-se numa cadeira, deixou a mão cair e fechou os olhos. Quando o monitor lhe ofereceu de beber, tornou a acenar. A luz jorrava dos dedos enfeitados. — Sim, por Deus. Preciso de um brande, querida. Um balão de Trevalli.

Eve sentou-se ao lado dele e sacou do gravador. — Fale-me da Sharon.

— Maravilhosa. Fisicamente deslumbrante, claro, mas era mais pro-

fundo. — O brande chegou num carrinho automático e silencioso. Sebastian pegou no balão e bebeu um gole. — Tinha um gosto impecável, um coração generoso, um espírito cortante.

Tornou a brindar Eve com aqueles olhos de pomba. — Ainda foi há dois dias que a vi.

— Profissionalmente?

— Ela vinha todas as semanas, meio-dia. De duas em duas, dia inteiro. — Sacou de um lenço cor de manteiga e limpou os olhos. — A Sharon cuidava de si, acreditava piamente no bom aspecto.

— Seria uma vantagem na actividade dela.

— Naturalmente. Só trabalhava para se divertir. Não é que precisasse de dinheiro, com o historial da família. Gostava de sexo.

— Consigo?

O rosto artístico fez uma careta, os lábios rosados franziram-se no que podia ser amuo ou dor. — Eu era o consultor dela, o confidente, e amigo — disse Sebastian rigidamente, e passou o lenço com um ademane por cima do ombro esquerdo. — Seria indiscreto e pouco profissional que fôssemos parceiros sexuais.

— Então não tinha atracção sexual por ela?

— Era impossível não se ter atracção sexual por ela. Ela... — Fez um gesto largo. — Exalava sexo, como outras podem exalar um perfume caro. Meu Deus. — Bebeu mais um gole de brande. — É tudo passado. Não acredito. Está morta. Assassinada. — Olhou para Eve. — Falou em homicídio.

— Correcto.

— Aquele bairro onde ela morava — disse ele com ar lúgubre. — Ninguém a conseguia convencer a mudar-se. Gostava de correr riscos e de se exhibir debaixo do nariz aristocrático da família.

— Dava-se mal com a família?

— Ah, isso de certeza. Adorava chocá-los. Era um espírito tão livre, e eles tão... banais. — Disse-o num tom que indicava que ser banal era um pecado maior do que assassínio. — O avô continua a querer leis que ilegalizam a prostituição. Como se o século passado não fosse prova de que tais questões são de saúde e de segurança. Também é contra a regulamentação da procriação, da adaptação dos sexos, do equilíbrio químico, e da proibição de uso de armas.

Eve tomou mais atenção. — O senador opõe-se à proibição de uso de armas?

— É uma das causas preferidas dele. A Sharon disse-me que ele tem muitas antiguidades e que defende regularmente o direito obsoleto de porte de arma. Se levasse a dele avante, estaríamos de volta ao século XX, a matar-nos uns aos outros a torto e a direito.

— Ainda há crime — murmurou Eve. — Ela falou de amigos ou clientes que não estivessem satisfeitos ou que fossem agressivos?

— A Sharon tinha dúzias de amigos. Atraía as pessoas como... — Procurou a metáfora adequada, e tornou a mexer na ponta do lenço. — Como uma flor exótica e fragrante. E os clientes, tanto quanto sei, ficavam todos encantados com ela. Ela escolhia-os com cuidado. Todos os parceiros sexuais tinham de cumprir certos critérios. Aspecto, intelecto, berço e competência. Tal como disse, gostava de sexo, em todas as suas muitas formas. Era... intrépida.

Combinava com os acessórios que Eve encontrara no apartamento. As algemas de veludo e os chicotes, os óleos perfumados e os alucinogénios. As propostas dos dois conjuntos de auriculares de realidade virtual tinham sido um choque até para o carácter desencantado de Eve.

— Estava envolvida com alguém a título pessoal?

— Havia homens de vez em quando, mas ela depressa se desinteressava. Recentemente falou no Roarke. Conheceu-o numa festa e sentiu-se atraída. Aliás, ia jantar com ele na noite em que veio cá. Queria qualquer coisa exótica porque iam jantar ao México.

— Ao México. Isso foi na noite de anteontem.

— Foi. Estava delirante com ele. Arranjámos-lhe o cabelo à cigana, fizemos-lhe a pele mais dourada – de corpo inteiro. Vermelho Pulha nas unhas, e uma tatuagem temporária encantadora de uma borboleta de asas encarnadas na nádega esquerda. Cosmética facial de vinte e quatro horas para não esborratar. Estava um espectáculo — disse ele, e debulhou-se em lágrimas. — E beijou-me e disse-me que desta vez podia estar apaixonada. «Deseja-me sorte, Sebastian», disse quando se foi embora. Foi a última coisa que me disse.